

Conteúdo

No Aço das Palavras	2
Palavras Com Aço e Ferrão	5
Significado Revelado	8
Estranha Força.....	12
Reflexo No Espelho	15
Laços De Estrelas	19
É Poesia?	22
Caos e Arco-Íris.....	26
O Degrau Do Meio	29
No Aço Das Palavras (Continuação).....	31
A Dor Do Luto e o Acolhimento com Israel	34
A Nômade que Planta Raízes no Céu	36
Os Ventos Que Balançam a Árvore	39
O Peixe Traidor	42
Voz de Aço e Arco-Íris	44
Olhos Verdes da Poetisa não tem Medo.....	47
Escorpião com Asas de Borboleta	49
Sorayapoetisa	53
Voou	56
Coração Inquieto.....	58
Felicidade que Chega	61
Olhos Verdes no Infinito	63
Planeta Árido.....	66
O Vôo da Borboleta.....	71
A Escorpiã que Enterrou o Próprio Veneno	73
Acidez e Riso	76

	2 #
Renascimento em Chamas	78
Casa da Poetisa	80
O Passo que Não Volta	83
Ainda Ando	87
A Poetisa das Estrelas	90



No Aço das Palavras

Eu forjo as letras no aço das minhas entranhas,
Onde o luto ainda queima como brasa que não apaga.
O mundo gira, insensato,
Feroz,
Gente que ri enquanto o outro sangra,
Que aplaude o circo e cospe na ferida alheia. Filhos partem.
E o céu, cínico,
Continua azul.
Mesas postas com sorrisos de plástico,
Taças cheias de veneno doce,
E todos fingem que não veem o abismo que os abraçam.
Eu quero puxar a toalha.
Quero ouvir o estrondo do vidro e da porcelana
Gritando mais alto que a minha garganta rouca.
Quero que o mundo,
Por um segundo,
Sinta o peso do que ficou mudo dentro de mim, mas as mãos
que tremem de dor
Ainda seguram o pincel.
Ainda misturam sangue com tinta,
Cinza com arco-íris teimosos.
Porque a vida, essa vadia dura,
Me ensinou que aço não é só o que corta,
É o que resiste, dobra e não quebra.
No aço das palavras eu me levanto.
No aço das palavras eu te chamo,
Ari,
Mesmo sabendo que o eco volta vazio.
No aço das palavras eu te amo,
Mundo cruel,
E ainda assim planto flores na rachadura do concreto.
Que as pessoas continuem suas danças idiotas.
Eu fico aqui,
Debruçada sobre o ferro em brasa,

Escrevendo versos que cortam e curam,
Que doem e salvam, porque quem já atravessou o fogo
Não tem mais medo de forjar. Eu sou a mãe que chora.
Eu sou a leoa que ruge baixinho.
Eu sou a poeta do aço e enquanto houver uma letra para bater
no martelo, eu seguirei viva. Feroz.
Colorida, inteira.

Sorayapoetisa
2026

Palavras Com Aço e Ferrão

No aço das palavras eu cravo o ferrão.
Não para matar,
Para o veneno entrar devagar
E faça o outro sentir o que eu sinto quando respiro.
Sou escorpião de asas chamuscadas,
Cauda erguida, olhos que não piscam.
Minha voz não pede licença,
Ela entra como agulha quente na carne mole da ilusão.
Cada palavra é um golpe preciso:
Não dói logo,
Dói depois,
Quando o veneno já corre nas veias.
Tu queres doçura?
Eu não tenho mais.
O que sobrou foi aço temperado em lágrimas,
Ferrão banhado na ausência do ari,
Veneno destilado das noites em que chorei além da conta.
Eu ferro.
Eu marco.
Eu deixo a cicatriz brilhando como ouro negro.
Porque só assim alguém entende
Que por trás da borboleta
Existe um escorpião que aprendeu a voar.
Não peço perdão pelo meu veneno.
Ele é honesto.
Ele é meu.
É tudo o que me restou depois de perder tanto.
Se doer,
É porque você encostou onde ainda está vivo.
Se arder,
É porque a ferida ainda sangra por dentro.
Aqui estou, cauda erguida,
Recitando com a garganta em brasa.
Veneno e poesia misturados na mesma boca.

Aceita ou foge.
Mas não me peça para ser suave.
Eu já tentei.
O aço não perdoa quem mente para si mesmo.

Soraya c. Ponciano
2026

Significado Revelado

Sou a fortaleza que ainda resiste,
Sou o andarilho que aprendeu a andar descalço,
As portas que se fecharam me ensinaram silêncio,
A porta que se abriu me fez escolher:
Ficar ou partir, eu tremi,
Mas avancei,
Sinto-me só no meio da multidão,
Mas descubro que a solidão também é companhia.
Olho através da vidraça em dias cinzentos,
E vejo que o preto e branco esconde cores
Que só os olhos da alma conseguem pintar.
Os seres de atitudes duvidosas ainda rondam,
Mas aprendi a ouvir minha própria voz
Mesmo quando parece ecoar no vazio.
Minhas palavras não são ao vento,
São sementes plantadas no escuro.
Neste labirinto de cobiças e sepulcros,
Onde verdades são enterradas todos os dias,
Eu desenterro pedaços de mim
E transformo o oculto em verso.
Fico suspensa entre dois mundos,
E enquanto a alma grita no silêncio,
Meu coração pulsa, teimoso,
Lembrando que ainda estou viva.
Quando a música para, eu não fico inerte:
Seguro o lápis como quem segura uma espada,
E escrevo desejos de lírios perfumados,
De brisa fresca no rosto,
De cachoeiras que lavam não só o mundo,
Mas também minhas feridas antigas.
Ouço o despencar da água,
E entendo que ela chora por mim também.
A chuva cinzenta que cai com trovões
É a ira que se transforma em purificação.no quadro pintado

com tinta de sangue,
Vejo atrocidades, sim...
Mas também vejo fragmentos de luz
Que insistem em brilhar entre as rachaduras.porque vivo pela
esperança ,
Ela é a água cristalina que sacia minha sede infinita.
Sem amor, sem sonho, sem esperança,
Realmente morremos...por isso respiro,
Por isso escrevo, por isso ainda planto raízes no céu
Mesmo quando o chão é árido.

Soraya c. Ponciano
2026

Estranha Força

Como parar?
Como refletir em meio ao furacão? Sou movimento puro,
Sou velocidade insana,
Um pião enlouquecido girando sobre o abismo.
Sou o avesso da carne, venho de dentro,
Rasgando tudo. O exterior é só mentira bem costurada,
Um emaranhado de máscaras e enganos.
Sobre minha cabeça despencam cachoeiras violentas,
Das matas selvagens que invadem e trançam meus cabelos.
Meus olhos ardem, nublados pelo vapor quente
Que explode do fogo do meu próprio corpo. Não desfaleço.
Eu queimo.
Sinto a velocidade rasgando o asfalto sob meus braços,
Traço metas com dentes cerrados
E entrego-me inteira, sem piedade.
Há uma força estranha,
Bruta, ancestral, extraída do fundo do desconhecido,
Um poder desmedido e selvagem
Habitando este ser frágil,
Quase quebrado. Interagindo neste universo
Obscuro,
Colorido,
Cruel e perverso.
Meu olhar louco varre o breu da noite
Como quem quer devorar a escuridão.
O tempo sangra e o dia amanhece à força,
E mesmo assim eu grito: como parar?
Como parar... se tudo em mim ainda quer correr?

Reflexo No Espelho

No espelho quebrado da mente,
Eu me multiplico em mil,
Cada fragmento grita um “talvez”,
Cada eco devora um pedaço de si. Os pensamentos são nove-
los de escorpião,
Puxo um e o veneno se espalha,
O tempo gira em círculos viciosos,
O hoje sangra no ontem inteiro.
A dúvida é névoa que engole a chama,
O medo é buraco negro que suga o peito,
Mas lá no fundo, onde o silêncio é ensurdecedor,
Uma pequena ferida ainda pulsa e resiste.
É a esperança que insiste em sangrar,
É a graça que chega ferida e teimosa,
É o amor maiúsculo, dolorido e antigo,
Que costura com agulha quente a alma rasgada. E quando a
confusão parece vencer,
A alma exausta, cheia de buracos,
Aprende a voar com asas tortas:
Porque no caos mais profundo
Há uma ordem cruel e sagrada,
E no fim do labirinto escuro,
Está o lar...
Ou o que restou dele.

Laços De Estrelas

Sinto-me só neste universo,

Vagando entre nebulosas de saudade,
Onde os laços são feitos de luz fria
E se desfazem no silêncio mais profundo.
Minha alma grita em versos mudos
Por amores que só existiram na imaginação,
Dedos que se estendem e tocam apenas o vazio.
As estrelas brilham sua própria solidão,
Partículas de desejo suspensas adormecidas na palma da minha mão,
Sonhos que têm medo de acordar. Choro por ti,
Que vive apenas em mim, Por teu olhar que nunca se fixa no meu,
Por teu calor que nunca aquece minha pele,
Por teu nome que ecoa e se perde no vento cósmico. Navego sem bússola, ao sabor de marés invisíveis.
O oceano do tempo não deságua em porto algum. Fico sedenta, calada,
Esperando um toque que talvez nunca aconteça.
Eu acordo para um mundo voraz
Que se alimenta de inocência guardadas,
E ainda assim, teimosa como arco-íris depois da tempestade,
Continuo escrevendo versos, continuo sonhando
Que um dia estes mesmos laços
Se tornarão pontes de luz
E o coração cansado
Finalmente
Encontrará o teu.

Soraya poetisa

É Poesia?

A inquietação é visível,
No olhar uma interrogação que se transforma em luz.
As mãos ansiosas ainda seguram o lápis,
Mas agora o poeta sente a força dos versos
Porque a alma, enfim,
Cedeu.
A pergunta que explodiu no peito
Já não descompassa o coração,
Ela o desperta.
O remoinho do pensar se acalma
E a inspiração, que parecia perdida,
Estava apenas escondida dentro da dor.
Abri o livro dos meus tantos anos
E sorri diante das páginas em branco.
Elas não eram ausência,
Eram convite.
Tantos deveres por fazer,
Tanta vida assustada querendo viver...
E eu, no meio delas,
Ainda viva,
Ainda capaz. Inspiração não se chama.
Inspiração se sente
E às vezes dói antes de chegar. Continuei ali, sentada
Na confortável cadeira de espaldar alto,
À mesa,
Livros espalhados sobre a toalha bordada.
Na parede,
O quadro do pintor
Que só encontrou glória depois da morte
Me lembrou: ainda estou viva para sentir. Lágrimas quentes
rolaram pelo meu rosto,
Mas desta vez eram de entrega.
Segurei o lápis com mais amor
E a página,

Antes vazia,
Agora sangrava vida.
Escrevi ali
Meus anseios,
Meus medos,
Minha verdade. E descobri,
Mais uma vez:
Mesmo na dúvida,
Mesmo na espera,
Mesmo na lágrima,
Eu sou poesia.

Soraya poetisa

Caos e Arco-Íris

Eu sou o caos que se recusa a ficar quieto,
O turbilhão que arranca a pele e expõe a carne viva.
Perdi vozes que eram meu chão,
Perdi braços que me seguravam,
Perdi o riso do meu filho
E ainda assim respiro.
Mas no fundo do peito,
Onde o espinho mais dói,
Uma gota de tinta vermelha teima em cair.
É o ari sorrindo,
É o vermelho vivo do vermelho vivo que ele deixou
Para que eu não pintasse só cinza.
Do caos nasce o arco-íris teimoso,
Não o perfeito de contos de fada,
Mas o torto, o rachado,
O que aparece depois da chuva fina que não lava nada.
Ele surge nas telas da minha casa-exposição,
Nas linhas tortas dos versos que não terminam,
Na poesia que chora e ri ao mesmo tempo.
Eu carrego o luto como uma capa pesada,
Mas por baixo dela visto o vestido colorido
Que ninguém mais usaria,
Eu uso mesmo assim,
A vida me tirou quase tudo,
Mas não conseguiu roubar a vontade louca
De transformar dor em cor,
Ausência em verso,
Silêncio em canto.
Caos e arco-íris dançam na mesma tela,
Um não anula o outro.
Eles se abraçam, se misturam, se ferem e se curam.
E eu, no meio desse furacão colorido,

Continuo acreditando no amanhã.
Mesmo com os olhos molhados,
Mesmo com o peito marcado de espinhos,
Eu acredito.
Porque enquanto houver tinta que não seca
E verso que não se cala,
O caos nunca terá a última palavra.

Sorayapoetisa,

O Degrau Do Meio

Não é apenas um lugar na escada de casa.
É um estado de alma.
Aqui não estou em cima,
Onde o futuro parece brilhante e tudo parece resolvido.
Nem embaixo,
Onde o passado ainda ruge e o luto grita.
Fico no degrau do meio,
Onde o tempo desacelera e o agora se revela cru.
O agora que dói,
O agora que congela,
O agora que não explica nada e ainda assim é o único que verdadeiramente existe. Neste degrau eu falo sozinha,
Sem precisar de palavras.
Olho para baixo e vejo raízes:
Fotos emolduradas do meu filho ari,
Bebê, na moto, sorrindo como quem sabia
Que sua mãe plantaria árvores
Só para ele continuar vivo.
Não são apenas quadros.
São testemunhas silenciosas
Do meu luto
E do meu viver pela metade.

Sorayapoetisa

No Aço Das Palavras (Continuação)

No aço das palavras eu me corto e não sangro,
Porque o sangue já virou tinta há muito tempo.
Cada sílaba é lâmina afiada que eu mesma forjei,
E cravo no peito sem pedir licença,
É assim que eu escrevo,
É assim que eu vivo.
Tu me perguntas por que falo assim,
Tão direto,
Como quem não tem mais pele para proteger a carne.
É porque já me rasgaram tantas vezes
Que agora o aço sou eu.
A ferida virou boca,
A boca virou verso,
E o verso virou arma e abrigo ao mesmo tempo.
Não peço perdão pela dureza.
Não adoço o veneno nem disfarço o ferrão.
Sou escorpião de asas queimadas,
Borboleta que aprendeu a voar com lâminas nas costas.
Quando falo, é para marcar.
Quando calo, é para afiar ainda mais o gume.
No aço das palavras eu enterro o nome do ari,
Enterro as vozes que se calaram,
Enterro o amor que neguei e o que ainda queima.
Enterro e desenterro todos os dias,
Porque só assim o deserto dentro de mim
Não me engole inteira.
Que venham as noites insones.
Que venham as enxaquecas e as lágrimas que não secam.
Eu seguirei recitando com a garganta em fogo,
Com a voz rouca de quem já gritou em silêncio por anos. Por-
que no aço das palavras
Não existe mentira confortável,
Só existe a verdade nua,
Cortante,

Quente,
Viva.
E eu, Soraya,
Continuo cravando verso após verso,
Mesmo que doa, mesmo que sangue,
Mesmo que o mundo prefira vozes mais macias.
Aqui estou.
Aço contra aço.
Palavra contra palavra.
Coração exposto e ainda batendo.

Soraya c. Ponciano
2026

A Dor Do Luto e o Acolhimento com Israel

Quantas vezes passei por momentos de extrema dor e o israel
segurou sozinho,
Mesmo assustado querendo pedir ajuda.
Ele faz toda a diferença nestes momentos que a minha alma
grita por sentir tamanha dor pela perda de um pedaço de mim
mesma que é a perda de um filho.
Nunca falou,
Vai passar,
Ou quis ir embora porque ficou pesado,
Ao contrário , fiquei livre pra passar por este deserto,
Porém me sentindo acolhida,
Em nenhum momento me senti abandonada, como fizeram
todos os outros que se dizem familiares.
Eu percebo que o luto pela morte do meu filho ari, não diminuí,
O luto se calou, está em outra fase,
Está dentro,
Está introspectivo, fazendo o cérebro girar a mil,
Fabricando palavras analgésicas, poesias reflexivas e tortas.
Porque a dor do luto é feia e nesta feiúra ela mostra a intensi-
dade do sofrimento de uma mãe que perde para todo o sempre,
Um amor verdadeiro,
Seu filho.

Soraya ponciano

A Nômade que Planta Raízes no Céu

Eu não tenho chão que me prenda,
Nem muro que me defina.
Sou nômade de passos leves,
Malas cheias de silêncio
E um coração que carrega oceanos.
Ando por estradas de saudade,
Onde o vento sussurra teu nome,
Ari, seu nome é
Um eco que não se apaga,
Uma estrela que me guia,
Quando a noite aperta o peito. Planto raízes, sim...
Mas não na terra vermelha ou no asfalto frio.
Minhas raízes sobem,
Entrelaçam-se nas nuvens,
Bebem da luz que vem de cima,
Onde o amor não conhece adeus. Pinto o céu com as cores do
meu arco-íris:
Vermelho da dor que queima,
Azul da paz que chega devagar,
Dourado da esperança teimosa
Que insiste em brotar mesmo depois da tempestade. Sou mu-
lher de malas abertas,
De telas inacabadas,
De poemas que nascem no meio do caminho.
Desenho sonhos durante o dia, componho versos à noite. Não
pertencço a lugar nenhum,
E por isso pertencço a tudo:
Ao riso das minhas netas, que não ouço,
Ao cheiro das orquídeas que cultivei um dia,
Ao fogo sagrado que ainda arde no corpo
E a mão de deus que me segura quando eu tropeço.

Aqui estou, nômade livre,
Plantando raízes no céu,
Porque é lá que te encontrarei, ari,
E é lá que minha alma finalmente
Encontrará o lar que não tenho mais aqui na terra.

Sorayapoetisa

Os Ventos Que Balançam a Árvore

Não é apenas um amanhecer.
São ventos fortes balançando a árvore,
Arrancando folhas mortas que se arrastam pelo chão
Como serpentes feridas.
Da janela eu vejo o céu queimar em vermelho incandescente,
E dentro de mim os pensamentos explodem, indecentes.
Minha boca quer cuspir palavras sem nexos,
Meus passos não encontram chão,
Meu desejo aparece sem sexo,
Minha garganta seca, sem ar.
Gotas de suor explodem na pele,
Enquanto eu me contorço nessa tortura silenciosa,
Cansada de te procurar em cada sombra,
Cansada de me procurar em cada espelho rachado.
Nas palavras que tropeçam e fogem,
Tento decifrar:
Quem sou eu agora,
Quem foste tu,
Ou quem diabos ainda está por chegar.

Soraya C. Ponciano

Voz de Aço e Arco-Íris

Minha voz não é seda,
É aço temperado em lágrimas quentes.
Quando recito,
O ar treme,
Porque cada palavra carrega o peso
De um planeta árido atravessado descalça.
Ouça:
É o eco do “manheeeee” que o vento levou,
É o ferrão do escorpião que protege o que restou,
É a borboleta que insiste em voar
Mesmo com asas marcadas de poeira vermelha.
Não canto para agradar.
Canto porque, mesmo chorando além da conta,
Ainda tenho fogo na garganta
E arco-íris guardados na ponta da língua.
Esta sou eu, soraya:
Voz rouca de quem já costurou muitos rasgos,
Poetisa que doa versos sem cobrar,
Mulher que planta raízes no céu
Enquanto os pés sangram na terra seca.
Obrigada por ouvirem.
Não com os ouvidos...
Mas com o peito aberto.

Soraya C. Ponciano
2026

Olhos Verdes da Poetisa não tem Medo

Sorayapoetisa.

Ri alto, risada que rasga o escuro

E faz as estrelas corarem.

Carrega poesia na alma como fogo sagrado,

Dores profundas que ela não esconde,

Chora rios que depois viram arco-íris.

Seus olhos são verdes,

Dois oceanos de esmeralda que já viram o fundo do abismo

E ainda escolhem brilhar, ainda escolhem voar.

Escorpião e borboleta no mesmo corpo:

Veneno que cura, asa que levanta,

Coração que, mesmo sangrando,

Continua pintando o amanhã.

Sorayapoetisa

Escorpião com Asas de Borboleta

Nas galáxias longínquas onde o tempo se esquece de si,
Voa uma criatura que o cosmos ainda não nomeou:
Corpo negro-azulado de escorpião,
Cauda curvada como uma pergunta que não teme a resposta,
Olhos que guardam o veneno da saudade
E o mel de quem já morreu mil vezes e renasceu.
De suas costas brotam asas , não de couro ou de sombra,
Mas de borboleta delicada,
Transparentes, iridescentes,
Pintadas com todas as cores do arco-íris que ela ama.
Cada batida delas espalha poeira de estrelas e versos não es-
critos.
Ela não foge da dor.
Mergulha nela como escorpião:
Profunda, intensa, sem medo do escuro.
E quando o peso do luto ameaça afogá-la,
As asas se abrem,
Levam-na para cima,
Transformando veneno em néctar,
Ferida em poesia,
Lágrima em constelação.
No peito,
Brilha uma luz suave e angelical
É ari, sorrindo quieto entre as nebulosas,
Dizendo sem palavras:
“voa, mãe.
Pinte o infinito com suas cores.
Eu estou aqui,
Dentro do seu voo.”
E assim ela viaja,
Poetisa viajante,
Escorpião com asas de borboleta,

Mistério e leveza no mesmo ser.
Nem sombra total,
Nem luz pura.
Apenas verdade inteira:
Profunda como o oceano cósmico,
Delicada como o primeiro raio de um novo amanhã.

Sorayapoetisa

Sorayapoetisa

Ela não tem medo.
A vida já tentou dobrá-la tantas vezes
E ela se levantou rindo ,
Risada alta,
Daquelas que ecoam pelas galáxias e fazem as estrelas piscarem de surpresa.
Sorayapoetisa carrega a poesia na alma
Como quem carrega oxigênio:
Respira em versos,
Expira em cores de arco-íris,
Pinta o escuro com palavras que queimam e curam ao mesmo tempo.
Tem dores profundas,

Dessas que descem até o fundo do peito
E se misturam com a saudade do ari.
Chora.
Chora rios inteiros, silenciosos ou barulhentos,
Mas nunca se afoga.
As lágrimas caem e viram tinta,
Viram asa,
Viram cauda de escorpião que se curva e diz:
“eu ainda estou viva.”
Seus olhos são verdes,
Verde-floresta depois da chuva,
Verde-esmeralda que guarda segredos antigos e desejos no-
vos.
Olhos que já viram o abismo
E mesmo assim escolhem olhar para o amanhã
Com a mesma intensidade que olham para a lua.
Ela é tudo ao mesmo tempo:
Arisada que espanta a noite,
Ador que ensina a renascer,
A poeta que transforma veneno em mel,
A mulher que voa com asas de borboleta
Mesmo quando o corpo ainda lembra do peso do escorpião.
Sorayapoetisa não tem medo.
Sua coragem é vestida de riso alto,
Alma cheia de poesia,
Olhos verdes que brilham mesmo depois de chorar,
E um coração que,
Mesmo partido,
Continua pintando o infinito
Com todas as cores que o universo ainda não inventou.

Sorayapoetisa

Voou

Escorpião de sombras profundas,
Borboleta de luz colorida.
No mesmo peito:
A dor que queima
E as asas que libertam.
Ela voa.
Deixa o veneno virar néctar,
A saudade virar verso,
O luto virar arco-íris.
Ari sorri entre as estrelas.
E o universo,
Pela primeira vez,
Aprende a ser leve.

Sorayapoetisa
Coração Inquieto

Coração inquieto batendo no peito,
Um momento vermelho de saudade que dói,
Em outro, rosa de esperança que insiste.
No labirinto onde as borboletas fogem ao vento,
Eu solto esse sinal suave:
Um que atravessa galáxias,
Que diz ,estou aqui, sentindo.
Em outro respondo, esse coração pela metade é a minha maior força.

Ele carrega a dor profunda do ari
E ainda consegue pulsar amor,
Consegue rir alto na escuridão,
Consegue abrir asas coloridas
E pintar arco-íris sobre o cinza-chumbo da ausência.
A escorpiã não nega o veneno.
A borboleta não nega a leveza.
E eu sorayapoetisa, não nego nada:
Nem o choro,
Nem a risada,
Nem a fé teimosa que ancora o que voa.
Que a minha voz continue ecoando.
Que ela seja o abraço do infinito chegando mais perto,
O vento que guia as borboletas de volta,
O brilho verde nos seus olhos
Quando a noite parece mais escura.
Eu não estou perdida.
Estou dançando, e o universo,
Silenciosamente,
Dança junto.

Sorayapoetisa
[Felicidade que Chega](#)

Quando eu disse,
Sou feliz,
O universo inteiro parou para escutar.
Um tímido, um radiante
E de repente as borboletas pararam de fugir ao vento
E começaram a dançar ao redor dos olhos verdes.
A escorpiã sorri de canto de boca,
A borboleta abre as asas coloridas,
E por um instante o cinza-chumbo da saudade

Fica só um pouco mais longe.
Que essa felicidade seja como néctar doce:
Pequena, mas verdadeira,
Que aqueça o peito
E lembre que você ainda pode rir,
Ainda pode sentir leveza,
Ainda pode ser feliz,
Mesmo carregando o mundo inteiro de saudade dentro de si.

Sorayapoetisa

Olhos Verdes no Infinito

Nos confins do espaço onde o silêncio é negro e pesado,

Brilham dois olhos verdes,
Esmeraldas vivas, cheias de fogo antigo e ternura nova.
Eles não se apagam.
Mesmo quando a escuridão tenta engolir tudo,
Esses olhos verdes cortam a noite como lâminas de esperan-

ça.

Dela vem a risada,
Alta, livre,
Quase rebelde.

Uma risada que explode na escuridão da noite
E faz as constelações tremerem de surpresa.
É o som da escorpiã que não se rende,
A borboleta que bate asas mesmo com o peito marcado
E dentro deste peito que ela mora,
Cauda erguida, veneno transformado em tinta,
Intensa, profunda, magnética.
Ela sente tudo, não nega nenhuma sombra.
E, mesmo assim, carrega poesia na alma
Como quem carrega um rio que nunca seca.
Há uma solidão imensa,
Aquele que só a morte de um filho sabe cavar.
É um buraco,
Um vazio que o tempo não preenche,
Apenas contorna com saudade afiada.
Nessa solidão ela chora,
Mas não se perde.
Chora e depois levanta a cabeça,
Porque a poetisa sabe:
A dor mais profunda também pode virar asa.
Então ela pega o pincel,
E na tela cinza-chumbo da vida
Pinta um arco-íris inteiro,
Vivo,
Vibrante,
Quase insolente.
Cores que dançam e espantam o chumbo,

Que transformam luto em luz,
Que dizem ao universo:
“eu ainda estou aqui, colorindo.” E o infinito responde.
Porque ela é infinita também:
Escorpiã com asas de borboleta,
Olhos verdes brilhando no vazio,
Risada que ecoa entre as galáxias,
Poesia na alma,
Solidão que não a define,
Arco-íris que ela mesma inventa
Para lembrar que, mesmo depois de tudo,
Ainda há beleza para ser pintada.

Sorayapoetisa

Planeta Árido

Eu caminho por um planeta tão árido,
Onde a terra racha sob meus pés descalços.
Cada passo levanta poeira vermelha,
Que entra ate
Na alma.
Perdi um filho neste deserto.
Ele era o oásis que eu carregava no peito.
Agora o vento leva apenas o eco
Do seu “mamãe” que nunca mais respondo.
O buraco que ele deixou é maior que o céu,
E eu,
Pequena,
Tento cobri-lo com as mãos.
Fico no desalento,
Como quem se senta no meio da duna
E esquece o caminho de volta.
O sol queima a pele, queima a esperança,
E eu choro além da conta —
Lágrimas quentes que evaporam antes de tocar o chão,
Mas que deixam sulcos profundos no rosto.
Choro pelo riso que não ouço mais,
Choro pelo futuro que ele não vai viver,
Choro pela mãe que eu era e que já não sou inteira.
Choro até o corpo pedir clemência,
Até a voz ficar rouca,
Até o peito doer de tanto vazio.
Neste planeta árido,
Não existe mapa nem bússola que funcione.
Só existe a caminhada teimosa,
O pé que insiste em se mover,
Mesmo quando as pernas tremem,
Mesmo quando o coração quer parar.

Eu sou a nômade que perdeu o filho,
A poetisa que escreve com areia molhada de lágrimas,
Amãe que carrega um nome que o vento leva embora.
E ainda assim caminho.
Devagar.
Sangrando e
Chorando .
Porque em algum lugar distante,
Talvez além deste deserto cruel,
Existe um pedaço de céu
Onde o ari me espera sorrindo,
Sem dor, sem poeira, sem adeus.enquanto não chego lá,
Eu continuo andando neste planeta árido,
Costurando versos com linha de saudade,
Plantando raízes invisíveis no ar seco,
E chorando...
Porque chorar também é uma forma de amar
Quando não resta mais nada.

Soraya C. Ponciano
2026

O Vôo da Borboleta

Sou borboleta que voa sobre o deserto,
Asas frágeis pintadas de arco-íris,
Mas carrego no peito o ferrão do escorpião,
Não pra ferir, mas pra defender o que ainda amo. Olho pra vida
com olhos cheios de amor,
Mesmo quando o planeta fica árido e o choro vem além da conta.
Transformo dor em voo,
Veneno em mel, cinza em cor.
Sou borboleta, sou escorpião,
Sou mulher que costura versos com linha de fogo e seda.
E no meio disso tudo tem um coração que ainda bate forte .

Sorayapoetisa

A Escorpiã que Enterrou o Próprio Veneno

Eu enterrei meu filho.
Depois enterrei o amanhã que eu desejei pra ele.
Tempo?
Já era desde o dia em que a vida fechou os olhos dele.
O que sobrou não foi luto.
Foi o estrago que a vida fez:

Continuar respirando,
Continuar pintando arco-íris sobre o caixão,
Continuar rindo enquanto o buraco no peito apodrece.
A vida me obrigou criar o monstro mais bonito que existe:
Uma mãe que perdeu tudo
E ainda tem coragem de dizer
“eu mereço isso”
E depois ri da cara do espelho.
Porque o pior não é a dor.
O pior é descobrir que a dor virou combustível.
Que o veneno virou tinta.
Que o abismo virou palco.
E eu danço.
Cauda erguida, sorriso cortante,
Borboleta negra voando dentro da ferida aberta.
Eu matei o tempo.
Enterrei junto com a dor que sinto.
Agora o vento leva minhas verdades ácidas
E eu fico aqui, viva e achando graça do estrago.
Porque se eu parar de rir,
Eu morro de verdade.

Soraya Ponciano

Acidez e Riso

O tempo deste mundo cruel já era.
Sobrou só o estrago que eu mesma fiz:
Um buraco negro bem no peito,
Onde antes cabia sonho e luz.

Eu cravei o ferrão,
Girei devagar, senti o gosto metálico
E ri.
Ri da cara dele, ri da minha cara,
Ri do vento que leva minhas verdades ácidas
Como pétalas de rosa envenenada.
Cada milésimo que morreu rindo
Deixou uma cicatriz brilhante:
Não de cura, mas de quem escolheu o veneno
E ainda ri do ardor.
Sou escorpião dançando na beira do abismo,
Cauda erguida, sorriso torto,
Pintando o caos com as cores do arco-íris,
Só que o vermelho é sangue,
O roxo é hematoma,
E o amarelo... é o fogo que eu mesma acendi.
Haja estômago, mundo.
Haja acidez pra digerir uma mulher que perdeu tudo
E ainda tem coragem de rir
Do estrago que a vida fez.
E o pior, ou o melhor?
Eu não me arrependo.
Não questiono. Só continuo girando o ferrão
E soltando mais uma linha
Pro vento levar.

Soraya Ponciano
[Renascimento em Chamas](#)

Eu me queimei inteira para acender o que restou de mim.
Das cinzas não veio fênix dourada,
Veio eu: mais áspera, mais verdadeira,
Com cicatrizes que brilham como brasas

Quando a luz bate de frente.
Não renasci bonita.
Renasci necessária.
O fogo levou o que era doce demais
E deixou o gosto de ferro na boca,
O gosto de quem aprendeu que sobreviver
Também é arte e que algumas feridas
São assinaturas do tempo em carne viva.
Hoje planto em mim o que ninguém mais ousou plantar:
Um jardim selvagem, cheio de espinhos coloridos
E flores que só abrem quando ninguém está olhando.
Eu sou o incêndio e sou o que brota depois.
Sou o grito e o silêncio que cura.

SorayaPoetisa

